

Entre Águas 5

forma e função dos recipientes cerâmicos de uma cabana do Bronze Final

Miguel Rocha¹, Paulo Rebelo, Raquel Santos, Nuno Neto²

RESUMO

No presente artigo estudaremos uma parte dos artefactos móveis de Entre Águas 5. O enfoque será direccionado para os recipientes cerâmicos, incluindo ainda as peças designadas por “suportes”, de um dos “fundos de cabana”. Estes serão estudados nos seus

aspectos técnicos, tipológicos, cronológicos, bem como, no âmbito da sua distribuição espacial, tentando a partir dos dados empíricos perceber o seu valor como documentos sociais e as necessidades utilitárias a que poderiam responder.

ABSTRACT

In this article we will examine some of the portable artifacts of Entre Águas 5. The focus will be directed to ceramic vessels, and the designated “*suportes*”, of one of the “pit houses”. These will be studied in its technical,

typological and chronological aspects, and yet in its special distribution. Trying to perceive from the empirical data its value as social documents and to what utilitarian need they may respond will be the objective.

1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ASPECTOS GEOLÓGICOS

O sítio de Entre Águas 5 localiza-se na freguesia de Brinches, Concelho de Serpa, estando implantado na Carta Militar de Portugal nº 523, Beja (escala 1/25 000), com as coordenadas UTM 2781 0571 (**Fig.1**). A sua implantação dá-se num vale aberto (orientado E-O), na margem esquerda da Ribeira de Enxoé, que, beneficiando provavelmente deste enquadramento, evidencia um solo com sedimentos de cor castanha escura, bastante húmidos e orgânicos.

Os factores críticos (água e terra arável) presentes

favorecem, deste modo, a escolha do local como lugar de habitat. Em termos fisiográficos seria um local óptimo para o assentamento de comunidades agro-pastoris. Do ponto de vista geológico, a zona alvo de intervenção encontra-se situada no designado Complexo Gabrodiorítico de Cuba, constituído por gabros, dioritos, quartzo-dioritos e granóferos (Oliveira, 1992, p.28). A Sul da jazida desenvolve-se o Complexo máfico-ultramáfico de Beja-Acebuches, onde surgem anfíbolitos. A NE desenvolve-se o complexo vulcano-

sedimental do Ficalho, onde surgem metavulcanitos básicos (basaltos, calco-xistos, tufos) e ácidos, bem como mármore e calcários dolomíticos. A jazida encontra-se ainda situada entre duas falhas geológicas orientadas sensivelmente E-O.

Importa ainda referir que o local se encontra em zona de cheia, sobre um depósito argiloso, provavelmente

de origem aluvionar. Análises efectuadas às pastas dos recipientes cerâmicos provenientes do sítio de Entre Águas 5 e amostras de argilas recolhidas no sítio de implantação do povoado, sugerem que os barreiros utilizados na execução destas peças, estariam localizados próximo ou na área de implantação daquele assentamento humano (Barreto, 2010, p.2).

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA: DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS, METODOLOGIA E CONTEXTOS

No decurso do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de exploração da mancha de empréstimo (argilas utilizadas para o preenchimento do “miolo” da barragem de Serpa, da responsabilidade da EDIA, S.A.) foi identificada a presença de várias estruturas negativas. Estas foram escavadas nos níveis de argilas de grão fino e cor alaranjada do leito de cheia da ribeira.

Os trabalhos de exploração destas argilas levaram a uma alteração significativa da topografia do terreno, tendo-se salvaguardado apenas (parcialmente) as áreas de concentração de vestígios arqueológicos. Uma vez que estes estavam localizados em três zonas, mais ou menos distantes entre si, por uma questão metodológica e com o fim de facilitar o registo, tomou-se a opção de dividir a área intervencionada em três sectores - 1, 2 e 3 (Fig.2).

A escavação dos mesmos foi feita através da abertura de sondagens, dimensionalmente condicionadas à própria área de distribuição dos vestígios. Após uma decapagem inicial da camada revolvada mecanicamente, identificaram-se e definiram-se vários interfaces de fossas. Tendo em conta a uniformidade dos seus enchimentos, optou-se por escavar através de níveis artificiais de cerca de dez centímetros, individualizando-se o material arqueológico proveniente de cada um deles. De forma a manter um registo estratigráfico em corte, a área das fossas foi dividida sempre em duas, escavando-se posteriormente o corte.

Ao todo foram identificadas seis estruturas negativas de tipo fossa e três grandes estruturas negativas em forma de “8” (sondagens II, VIII e X), que poderão corresponder a fundos de cabana. Contudo, apenas numa delas se identificaram buracos de poste. Entre as três estruturas identificadas, destacam-se duas que forneceram espólio em grande quantidade e diversidade.

Neste artigo, dos três sectores mencionados, será apenas analisada a sondagem II do sector 1, onde se definiu uma estrutura negativa. Um dos níveis desta estrutura revelou duas concentrações de material cerâmico

constituídas por fragmentos de grandes dimensões que permitem colagens. Por essa razão, e ao contrário do que acontece em todas as outras sondagens, aparentam ter sido inutilizados *in situ* e não provenientes de despejos, daí que se tenha procedido à localização (registo de coordenadas X, Y e Z) e individualização de cada peça para futura análise da distribuição espacial dos artefactos.

Esta estrutura negativa, de grandes dimensões e em forma de “8” – [204], encontrava-se orientada sensivelmente NE - SO (Fig.11). Em princípio, corresponderá a um fundo de cabana com um comprimento máximo de 7,90 m, largura máxima de 3,65 m e uma profundidade conservada de cerca de 55 cm (Rebelo *et alii*, no prelo). Apesar de não terem sido identificados buracos de poste foi reconhecido um possível nível do piso [201], constituído por cascalho de várias rochas, de médias dimensões, apresentando-se relativamente regular em toda a área (Rebelo *et alii*, 2010, p. 464).

O primeiro estrato identificado corresponde à camada de superfície remexida por meios mecânicos, composta por sedimentos argilosos de cor castanha escura, de consistência média e grão médio - [200]. Esta ocupa toda a área da sondagem e cobre a camada de enchimento [202] do interface [204].

O substrato geológico onde se escavou a estrutura negativa apresentava fraca consistência, sendo constituído por argilas e arenito de grão grosseiro. As camadas de enchimento podem-se enquadrar em duas realidades: um primeiro nível [202], caracterizado por sedimentos castanho-claros de grão médio, com presença de carvões e abundante material arqueológico; e, sob esta camada, o nível de piso [201] e dois depósitos [203a-203b] que se encontram directamente sobre o fundo da estrutura, de características muito semelhantes, mas com elementos artefactuais concentrados em dois núcleos centrais, nas áreas NE e SO (Fig.11).

3. INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICA E REGIONAL

A definição de um grupo humano ou período em épocas pré e proto-históricas surgiu no contexto de um paradigma histórico-cultural e positivista, construído a partir dos objectos (Trigger, 2006, p. 211-313). A presença da cerâmica de ornatos brunidos (registados em Entre Águas 5) tem sido utilizada nessa perspectiva por alguns autores, em conjunto com a cerâmica de boquique, excisa, pintada e penteada, como definidora do Bronze Final II³ do Sudeste Ibérico (López Roa, 1977, p. 343; Pellicer Catalán, 1987-88, p. 462). Para outros autores (Torres Ortiz, 2002, p. 128; Soares, 2005, p. 141) estas cerâmicas terão origem mais recuada em torno do séc. XI e até XIII/XII a. C.. No povoado de Entre Águas 5 surgiram em conjunto com cerâmica de engobe vermelho.

A sua amplitude cronológica, segundo dados fornecidos por Cabezo de San Pedro (Huelva), Alto do Castelhinho da Serra (Montemor-o-Novo) ou Mesa de Setefilla (Sevilha), inclui, ainda, a 1ª Idade do Ferro (López Roa, 1977, p. 351; 1978, p. 151; Soares, 2003, p. 307; Gibson *et alii*, 1998, p. 194), mas já coevamente com materiais a torno (Aubet Semmler *et alii*, 1983, p. 86) e formas “paleo-púnicas” (Schubart, 1971, p. 158; Blázquez Martínez *et alii*, 1979, p. 157; Gibson *et alii*, 1998, p. 194) inexistentes em Entre Águas 5.

Tendo em conta este panorama, diversas amostras orgânicas (madeiras carbonizadas e fauna mamalógica) foram recolhidas durante a intervenção de campo (Fig.12). A análise destas datas revelou uma contemporaneidade dos contextos identificados nas sondagens V, VI, VIII e X, enquadrados, com maior segurança, entre a 2ª metade do séc. X e a 1ª do séc. VIII a.C. O fundo de cabana identificado na sondagem II

apresenta datações mais antigas enquadráveis entre a segunda metade do séc. XII e os inícios do séc. X a.C. (Fig.14).

As datas obtidas para o “fundo de cabana” da sondagem II revelaram cronologias mais antigas do que as restantes unidades estruturais, embora possam coincidir numa cronologia do séc. X. A conjugação entre os dados materiais e as datações absolutas configuram, deste modo, no que toca a este “fundo de cabana”, uma realidade ocupacional, provavelmente enquadrada entre os finais do Bronze Final I e os inícios do Bronze Final II.

O Bronze Final, na zona do actual Baixo Alentejo, fica marcado por um conjunto de povoações em outeiros ou elevações fortificadas (Gomes *in* Gomes & Silva, 1994, p. 109; Soares, 2005, p. 138), sobranceiros aos rios Guadiana, Ardila e Chainça (Gomes *in* Gomes & Silva, 1994, p. 109; Soares, 2005, p. 138). Em zonas de planície, alguns arqueosítios mostram um diferente tipo de assentamento, desprovido de dispositivos naturais ou artificiais de defesa (Gomes *in* Gomes & Silva, 1994, p. 110). Este grupo de sítios localiza-se junto a pequenos ribeiros, de fácil acesso e aparentemente sem preocupações defensivas (Soares, 2005, p. 136).

Entre Águas 5 configura uma destas realidades, apresentando-se como mais um dos povoados abertos com ocupação do Bronze Final que a investigação arqueológica recente tem permitido reconhecer. A maior parte destes foram intervencionados em resultado das medidas de minimização tomadas no âmbito da construção da rede de rega do Alqueva (Rebelo *et alii*, 2009, p. 468).

4. CARACTERIZAÇÃO DOS RECIPIENTES CERÂMICOS

4.1 FORMAS DOS RECIPIENTES CERÂMICOS: ASPECTOS TIPOLÓGICOS, CRONOLÓGICOS E DISTRIBUIÇÃO

O grau de fragmentação dos materiais recolhidos na Sondagem II dificultou o seu enquadramento tipológico, pelo facto de a variabilidade formal, em parte dos recipientes deste momento, se dar ao nível do bojo e não do bordo (Mataloto, 1999, p. 342). Apesar disso foi realizada uma seriação tipológica, enquadrando-a com outras peças e tipos do Sudoeste Ibérico.

A classificação morfológica dos recipientes cerâmicos teve em conta vários factores: a profundidade, o perfil, o tamanho dos recipientes e a funcionalidade são os dados que por norma são considerados (Pavón Soldevilla, 1994, p. 69). Face ao elevado grau de fragmentação da quase totalidade do conjunto, a profundidade, com excepção do sub-tipo 1.1, não vai ser tida em conta

neste estudo. Assim, encontramos formas abertas e fechadas, podendo ser carenadas, esféricas e cónicas (Eiroa *et alii*, 1999, p. 175), com bordos verticais (ou sub), introvertidos ou extrovertidos.

No que diz respeito aos tamanhos será adoptada a divisão tripartida tomada por Pávon Soldevilla (1994). Recipientes pequenos, com diâmetros de boca inferior a 15 cm; médios, entre 15 e 25 cm; e grandes, superiores a 25 cm. No que toca às formas carenadas, a localização da carena também irá ser tida em estima na divisão tipológica. Com base nestas premissas, o material será dividido em vários tipos e sub-tipos.

O **tipo 1** corresponde a recipientes abertos (taças), nos quais o diâmetro do bordo representa o diâmetro máximo do recipiente, apresentando as peças perfil hemisférico ou em calote esférica, sem qualquer carena ou inflexão da orientação do bojo. Com base no ângulo formado pelo bordo e parede do fragmento com o plano de abertura (<45°; 45-90°) (Boaventura, 2001, p. 25) definiram-se dois subtipos.

O **sub-tipo 1.1** - prato/taça baixa – corresponde a formas com corpo de perfil hemisférico, muito baixas e abertas. Esta forma apresenta dois grandes tipos de bordo – sub-vertical e extrovertido, com lábios rectos e semi-circulares, podendo estes ter tendência biselada ou ser espessados externamente. Em termos de diâmetro estão presentes as três divisões adoptadas.

Vários paralelos para o período cronológico em causa foram encontrados. Em Mesa de Setefilla (Aubet Semmler *et alii*, 1983) alguns dos *cuencos semiesféricos* encaixam nesta atribuição (p.e. nº 131, p. 82). A forma encontra mais paralelos em Llanete de los Moros (Montoro) (Baquedano Beltrán, 1987), nomeadamente na forma IIIA1/Tipo 26. No litoral alentejano, a jazida da Cerradinha (Santiago do Cacém) oferece um exemplar desta forma (Silva & Soares, 1978). Em Los Corvos (Villagonzalo), na Estremadura espanhola, a forma também se encontra presente (Enríquez Navascués, 1990), assim como no Passo Alto (Serpa) (Soares, 2003).

O **sub-tipo 1.2** - taça hemisférica – corresponde a formas abertas com perfil de corpo hemisférico ou calote esférica. Os bordos podem ser verticais/subverticais ou extrovertidos (por vezes só ligeiramente). Os lábios possuem secção recta, biselada e semi-circular, podendo, neste último caso, ser superiormente aplanados, ter tendência biselada e ser bi-espessados ou espessados externa ou internamente. Dimensionalmente, estão

patentes os três tamanhos definidos. Num exemplar foi identificada uma pega de preensão.

A tipologia em causa encontra paralelos em várias estações do Bronze Final. A Cerradinha (Silva & Soares, 1978) proporciona paralelos para os exemplares de bordo sub-vertical e alguns dos espessados externamente. Na margem esquerda do Guadiana a forma é frequente, encontrando paralelos, por exemplo, no Passo Alto, Santa Margarida (Serpa) ou Serra Alta (Moura) (Soares, 2005). Os povoados da Corôa do Frade, em Évora, (Arnaud, 1979) ou do Outeiro do Circo (Beja) (Serra *et alii*, 2007) também revelaram recipientes com esta forma.

Ainda no Alentejo Central, a forma é visível em S. Gens (Redondo), Evoramonte (Estremoz), Padrão (Estremoz), Martes (Redondo), Castelo (Redondo/Estremoz), Castelo Velho (Alandroal) (Calado & Rocha, p. 1997), S. Pedro de Arraiolos (Almeida *et al*, 2010) e Casarão da Mesquita (Évora) (Santos *et alii*, 2008). Na Andaluzia, um vasto conjunto de povoados (Pellicer Catalán, 1987-1988) documentam este tipo de recipientes, como por exemplo Peñalosa (Escacena del Campo) (García Sanz & Fernández Jurado, 2000), Llanete de los Moros – formas 7 e 15 - (Baquedano Beltrán, 1987), Mesa de Setefilla (Aubet Semmler *et al*, 1983) ou Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez *et alii*, 1979). Na Estremadura espanhola a situação repete-se em vários dos povoados (Enríquez Navascués, 1990; Pávon Soldevilla, 1998).

Apesar de estas formas não serem estranhas ao espaço cronológico e geográfico em que se inserem (ver ponto 3), estes dois sub-tipos possuem paralelos materiais em contextos de vários períodos dos “mundos” andaluz, da Meseta ou de Portugal (Pavón Soldevilla, 1998, p. 108; Pellicer Catalán, 1987-1988, p. 465). Nomeadamente no Bronze Médio, nas jazidas do Catujal (Loures) (Carreira, 1997), Casal da Torre (Torres Novas) (Carvalho *et alii*, 1999), Moinho da Atalaia do Oeste (Amadora) (Fontes, 2002) ou Quinta da Fidalguia (Mourão) (Silva & Soares, 2008). Desta forma, a maioria das formas carece *per se* de valor cronológico.

A formulação feita anteriormente aplica-se de forma similar aos recipientes fechados – tipo 2. O **tipo 2** corresponde a recipientes fechados, nos quais o diâmetro interno do bojo representa o diâmetro máximo do recipiente, apresentando as peças perfil hemisférico ou em calote esférica, sem qualquer carena. Com base na presença ou não de uma inflexão da orientação do bojo no corpo superior, que estrangula a peça, apresentando,

em concordância, paredes verticais ou ligeiramente inclinadas para o interior, definiu-se uma distinção para os recipientes fechados. Não se conseguiu identificar nenhum pote que contivesse perfil completo, contudo, quer pela espessura, quer pela forma dos fundos que continham bojo, os vários fundos planos identificados corresponderiam, na sua maioria, a recipientes destas formas (Ruiz Mata, 1979).

O **sub-tipo 2.1** - pote esférico – corresponde a formas fechadas com corpo de perfil esférico. O bordo possui todas as orientações registadas, o mesmo sucedendo com os lábios com excepção do lábio em bisel. A dimensão dos mesmos varia entre a pequena e a grande. Ao nível do bojo de alguns dos exemplares (3) foram identificadas pegadas de prensão. Já bastante foi dito sobre a temporalidade da forma em causa e do seu fraco valor cronológico. Nos territórios andaluzes e estremenhos a forma encontra-se presente em várias estações arqueológicas (Baquedano Beltrán, 1987; Enríquez Navascués, 1990; Pávon Soldevilla, 1998), como por exemplo Atalaya de Zarza (Palomas) (Enríquez Navascués, 1990) ou Llanete de los Moros – tipo 18 – (Baquedano Beltrán, 1987).

Em território do sul português ela encontra-se tanto em sítios da Península de Lisboa (Cardoso, 2006; Cardoso & Silva, 2004) como do Algarve (Gomes & Calado, 2007) e Alentejo, seja ele Litoral – Cerradinha (Silva & Soares, 1978), Central – Castelo do Giraldo (Évora) (Mataloto, 1999), S. Gens, Evoramonte, Padrão, Martes, Castelo (Calado & Rocha, p. 1997), Corôa do Frade (Arnaud, 1979), Casarão da Mesquita (Santos *et alii*, 2008), Outeiro do Circo (Serra *et al*, 2007), ou da margem esquerda do Guadiana – Passo Alto, Santa Margarida (Soares, 2005).

O **sub-tipo 2.2** - pote estrangulado – distingue-se, como se referiu, por possuir inflexão da orientação do bojo no corpo superior, podendo, por vezes, conferir colo. Revela bordos extrovertidos, introvertidos e verticais, com lábios de secção semi-circular, por vezes aplanados superiormente ou com tendência biselada. Existem, com base no diâmetro do bordo, potes de pequena, média e grande dimensão.

Os potes fechados de colo estrangulado são muito frequentes no Bronze Pleno/Médio, persistindo no Bronze Final, mas com tendência a possuir colos e bordos curtos (Pellicer Catalán, 1987-188, p. 465). Na península de Lisboa eles surgem na Tapada da Ajuda (Lisboa) (Cardoso & Silva, 2004) e no Cabeço do Mouro

(Cascais) (Cardoso, 2006), sendo igualmente comuns no Alentejo Litoral – Cerradinha (Silva & Soares, 1978), no Alentejo Central – S. Gens, Evoramonte, Padrão, Castelo (Calado & Rocha, p. 1997), Casarão da Mesquita (Santos *et alii*, 2008) – e nos povoados da margem esquerda do Guadiana - Passo Alto, Santa Margarida, S. Brás 1 (Serpa) (Soares, 2005). Atalaya de Zarza (Enríquez Navascués, 1990) na Estremadura, ou Llanete de los Moros (Baquedano Beltrán, 1987), na Andaluzia, são alguns outros exemplos que documentam a existência destas formas em território espanhol.

Um terceiro tipo definido teve por base os recipientes ou fragmentos que continham carena. O **tipo 3** - taças carenadas – foi dividido em dois sub-tipos conforme a peça seja fechada ou aberta. O **sub-tipo 3.1** - taça carenada aberta – corresponde a formas de perfil carenado, abertas. O bordo é extrovertido, com lábios semi-circulares, estando a carena em posição média/alta em relação ao fundo. Pode apresentar perfil suave, com a parede do corpo vertical ou ligeiramente côncava acima da carena e corpo inferior de perfil esférico.

Podendo ter os três tamanhos definidos, este tipo de recipiente encontra perfis aparentados na Cerradinha (Silva & Soares, 1978), no Alentejo Litoral, e na Corôa do Frade (Arnaud, 1979), no Alentejo Central. Ainda dentro deste âmbito, as taças carenadas abertas surgem em S. Gens, Evoramonte, Padrão e Castelo (Calado & Rocha, 1997), no Outeiro do Circo (Serra *et alii*, 2007), Casarão da Mesquita (Santos *et alii*, 2008) ou no Castelo do Giraldo (Mataloto, 1999). Na margem esquerda do Guadiana assinalam-se em Passo Alto (Soares, 2003) e Santa Margarida (Soares, 2005).

A sua ampla distribuição geográfica vai mais além. Especificadamente está presente na Tapada da Ajuda (Cardoso & Silva, 2004), tendo-se revelado na Andaluzia Ocidental como uma forma recorrente (Ruiz Mata, 1979, p. 5), designadamente no Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez *et alii*, 1979), Mesa de Setefilla (Aubert Semmler *et al*, 1983) e em Llanete de los Moros – tipos 8, 9, 11, 12, 14 e 28 (Baquedano Beltrán, 1987). Na Estremadura espanhola podem-se apontar os casos de Medellín (Badajoz) - em contextos do séc. VIII (Jiménez Ávila & Haba Quiros, 1995), e de Peñalosa (García Sanz & Fernández Jurado, 2000).

Menos comum é o **sub-tipo 3.2** - taça carenada fechada – que corresponde a formas de perfil carenado, fechadas, cujo corpo superior pode apresentar forma hiperbólicoide. De forma similar ao tipo 3.1, a carena

surge numa posição média/alta do corpo. O bordo pode ser extrovertido ou vertical., detendo sempre diâmetros pequenos. Os lábios são, com algumas variantes, semi-circulares.

O sub-tipo 3.2 apresenta apenas diâmetros de pequena dimensão. Este recipiente encontra perfis aparentados na Andaluzia ocidental (Ruiz Mata, 1999) e no povoado da Tapada da Ajuda (Cardoso & Silva, 2004). Respectivamente do Bronze Final I e do Bronze Final II. Na Atalaya de Zarza (Enríquez Navascués, 1990) e Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez *et alii*, 1979) este tipo de forma é similarmemente visível. A Cerradinha (Silva & Soares, 1978), no Alentejo Litoral, e a Corôa do Frade (Arnaud, 1979), no Central, voltam de novo a apresentar formas correspondentes.

Em Entre Águas 5, na estrutura [204], encontram-se objectos cerâmicos sem fundo, não constituído por essa razão recipientes. Face a esta situação, tomou-se a opção de não os enquadrar na tipologia definida, adoptando para eles a designação corrente nas investigações arqueológicas de suporte (Baquedano Beltrán, 1987, p. 24; Ruiz Mata, 1979, p. 7). As peças definidas como suportes caracterizam-se por possuir um corpo de perfil hiperbolóide e deter bordo extrovertido, com lábio semi-circular, podendo ainda conservar tendência biselada ou mesmo bordo em bisel.

O paralelo para este tipo de suportes, que fugia ao clássico tipo *carrete*, de momento restringe-se à Margem esquerda do Guadiana – Santa Margarida (Soares, 2005, p. 120) - e à Bacia Média do Guadalquivir: Llanete de los Moros – tipo 19 - (Baquedano Beltrán, 1987), Purullena (Molina & Pareja, 1975) e Carmona (Pellicer Catalán & Amores Carredano, 1985). É de referir que se torna mais complexa a distinção de peças que não se encontram completas.

A análise das formas dos recipientes cerâmicos de Entre Águas 5 permitiu, genericamente, enquadrar a sua cultura material no Bronze Final do Sudoeste Ibérico. Não deixando de apresentar formas que são recorrentes em vários espaços e tempos do mundo ibérico, Entre Águas 5, e o Bronze Final do Sudoeste, distinguem-se pelo predomínio das taças e vasos de carena média/alta de grande amplitude (Pellicer Catalán, 1987-1988, p. 466), pelos potes estrangulados com tendência a possuir colos e bordos curtos (Pellicer Catalán, 1987-1988, p. 465) ou pelos suportes, de configuração hiperbolóide, que segundo Baquedano Beltrán se apresentam não só como elemento inovador, mas, também, característico da bacia média do Guadalquivir (1987, p. 24). Outro tipo de suporte, designado de *carrete*, é muito frequente na Andaluzia (Ruiz Mata, 1979, p. 7).

4.2 CARACTERÍSTICAS DE PERFORMANCE UTILITÁRIAS - O CONCEITO

“By investigating the technical (formal) properties of the vessels (e.g., shape, size, temper, and surface finish), we establish the empirical foundation for understanding how the vessel could have performed cooking, storage, and transport functions” (Schiffer & Skibo, 2008, p. 2). Na base desta ideia está a assunção de que as propriedades formais afectam as características de performance, isto é, as capacidades de desempenho que um artefacto tem de possuir para cumprir a sua função numa tarefa específica (Hally, 1986), seja ela no processo de manufactura ou pós-manufactura (Schiffer & Skibo, 2008, p. 11). Por exemplo, para que um pote cerâmico seja eficiente na sua função de cozinhar alimentos ele deve deter características que o permitam ser eficaz em termos térmicos e resistente ao impacto e choque térmico (Schiffer & Skibo, 1987, p. 598).

Necessariamente o estudo da função de um determinado objecto só fica completo quando analisadas todas as informações disponíveis, provenham elas

da documentação escrita, da etnografia ou da experimentação. Nesta mesma ideia concorrem os traços de uso, como a carbonização ou o desgaste, que implicam a adopção de padrões (Schiffer & Skibo, 2008, p. 7). Por exemplo, a presença ou ausência de água durante a cozedura provoca diferentes marcas de uso (Schiffer & Skibo, 2008, p. 48). O que não implica obrigatoriamente que diferentes formas de cozinhar tenham sido empregues e não tenham deixado marca, ou por outra via tenham sido “apagadas”.

Devido ao elevado grau de fragmentação do conjunto estudado, o estudo destes padrões não foi efectuado. Assim sendo, apenas se poderá inferir a função para a qual os recipientes foram desenhados e não a função que na prática realmente detiveram.

Refira-se ainda que, apesar de não tratadas neste documento, outras variáveis como as que fazem apelo aos nossos sentidos - o cheiro da peça, a cor, a decoração, o som, o toque e até o gosto - provocam

emoções. Estas podem estar relacionadas com factores culturais e sociais e pesar no prato da balança, no momento da realização ou aquisição da peça (Schiffer & Skibo, 2008, p. 2; 2008, p. 13). Por exemplo, as taças carenadas decoradas poderiam estar ligadas a práticas de exibição e consumo (Armada Pita, 2008, p. 154), tendo em conta o esforço “extra” despendido na sua elaboração e o premeio das características visuais.

Todas estas considerações têm em comum o facto de não poderem deixar de lado o contexto em que se inserem, já que os tipos artefactuais podem ter diferentes significados em diferentes contextos. O que para uma sociedade com um determinado modo de vida pode ser eficiente (seja em que plano for), para outra pode representar quando não uma desvantagem, uma inutilidade, ou um diferente tipo de vantagem.

4.3 CARACTERÍSTICAS DE PERFORMANCE UTILITÁRIAS – OS DADOS

O conjunto cerâmico da estrutura [204] de Entre Águas 5 foi anteriormente definido do ponto de vista formal. Neste ponto será dada conta da relação de cada tipo e/ou sub-tipo de recipientes com outras características técnicas. Assim, será analisada a relação entre a espessura do bojo e bordo, o diâmetro do bordo, a sua consistência e elementos não plásticos da pasta e o tratamento das superfícies.

Nesse sentido foram estabelecidos critérios de análise. Foi sempre considerada a espessura máxima da peça, apurada através da utilização de uma craveira. Tirado o valor métrico, foi definida uma divisão tripartida: espessura fina (< 0,65 cm), espessa (0,66-1,1 cm) e muito espessa (> 1,1 cm). O mesmo género de divisão foi feito quanto ao diâmetro do bordo (ver ponto 4.1).

A consistência das pastas foi definida em relação a três categorias: (1) pastas compactas, que se caracterizam por terem os seus componentes bem unidos, desfazendo-se com dificuldade; (2) pastas semi-compactas/médias, caracterizadas por se desfazerem com pouca dificuldade; (3) e pastas friáveis, que se desagregam à mínima pressão.

Os desengordurantes foram classificados, macroscopicamente, quanto à sua matéria-prima, que se revelou constituída por quartzos, micas e feldspatos e outras partículas (Barreto, 2010, p. 13). A frequência foi definida em quatro categorias: baixa (< 5/1 cm²), média (5-10 cm²), alta (10-15 cm²) e muito alta (> 15/1 cm²). A sua dimensão em cinco: muito fino (< 0,5 mm), fino (0,5-1 mm), médio (1-2 mm), grosseiro (2-4 mm) e muito grosso (> 4 mm). As superfícies foram analisadas quanto ao seu tratamento interno e externo podendo ser: (1) grosseiras, quando se apresentam rugosas sem nenhuma suavidade; (2) afagadas, quando apresenta um aspecto regular mate; (3) polidas, quando possuem aspecto brilhante; e (4) brunidas, quando o brilho caracteriza-se por ser intenso e homogéneo.

Convém ainda mencionar que estas considerações se referem na sua maioria à parte superior dos recipientes, o que em virtude da pouca homogeneidade de cada recipiente limita a perspectiva que possuímos dele.

O sub-tipo 1.1 caracterizou-se por apresentar bordos e bojos esmagadoramente finos ou espessos (**Fig.4/5**), em torno dos 40 e 60%. As pastas apresentam-se, genericamente, como de consistência média (c. 80%) (**Fig.6**), com elementos não plásticos quase sempre grosseiros ou muito grosseiros (**Fig.7**), com frequência muito alta (c. 70 %) a alta (c. 30%) (**Fig.8**). No que diz respeito às superfícies, elas apresentam-se ligeiramente melhor cuidadas na superfície interna. A maior parte apresenta superfícies polidas (c. 60%) ou afagadas (c. 30-40%). Uma percentagem nunca superior a 10% mostra superfícies grosseiras (**Fig.9/10**). Os diâmetros são sempre superiores a 15 cm, c. de 60% de tamanho grande e c. 40% de tamanho médio (**Fig.3**).

O sub-tipo 1.2 distingue-se do anterior por apresentar bordos e bojos mais espessos (**Fig.4/5**). Os bordos e bojos são, por norma, finos ou espessos, em torno dos 30-40 e 60%. Mas, contrariamente ao sub-tipo 1.1, as percentagens não sofrem grandes alterações entre o bordo e o bojo, mantendo-se sempre dominantes os bordos e bojos espessos. As pastas revelaram-se mais compactas (c. 22%), apesar de genericamente serem de consistência média (c. 70%) (**Fig.6**).

Já os desengordurantes apresentam um valor mais alto na classe de média dimensão, não deixando, contudo, de ser na sua larga maioria grosseiros ou muito grosseiros (**Fig.7**). Apresentam, por norma, frequência muito alta (c. 66%) a alta (c. 30%) (**Fig.8**). No que diz respeito às superfícies elas apresentam-se, de novo, ligeiramente melhor cuidadas na superfície interna. A maior parte apresenta superfícies polidas (c. 70%) ou afagadas (c. 20%). Uma percentagem nunca superior a

10%, sobretudo na exterior, mostra superfícies grosseiras (**Fig.9/10**). Os diâmetros são por norma grandes (c. 60%), seguidos dos médios (c. 30%) e pequenos (c. 10%) (**Fig.3**).

O sub-tipo 2.1 caracterizou-se por apresentar bordos e bojos esmagadoramente espessos (**Fig.4/5**) (c.60-70%), mantendo por regra os bordos menor espessura. As pastas apresentam-se, em geral, como de consistência média (c. 90%) (**Fig.6**), com elementos não plásticos quase sempre grosseiros ou muito grosseiros (**Fig.7**), em frequência muito alta (c. 70%) a alta (c. 25%) e média (c. 5%) (**Fig.8**). No que diz respeito às superfícies, quase 80% dos potes possui superfície externa polida, enquanto na interna não ultrapassa os 60%, com c. 40% de superfícies afagadas (**Fig.9/10**). Os diâmetros são sempre superiores a 15 cm, c. de 50% de tamanho grande e c. 35% de tamanho médio (**Fig.3**).

No que toca à espessura, o sub-tipo 2.2 no que toca à espessura evidencia-se pela maior representatividade dos bojos e bordos muito espessos (**Fig.4/5**). As pastas apresentam-se, genericamente, de consistência média (70%) (**Fig.6**), com elementos não plásticos quase sempre muito grosseiros (**Fig.7**) e frequência muito alta (70%) a alta (30%) (**Fig.8**). As superfícies apresentam-

se polidas (**Fig.9/10**). Os diâmetros são na sua maioria de tamanho grande (**Gráfico 1**).

O tipo 3, no seu conjunto, caracterizou-se por apresentar bordos e bojos esmagadoramente finos (80-c.70%) (**Fig.4/5**) e pastas em norma de consistência média (c. 80%), mas com a percentagem mais elevada de pastas friáveis (**Fig.6**). Os elementos não plásticos, grosso modo, mantêm-se em linha com o panorama desenvolvido, com predomínio da frequência muito alta e dimensão muito grosseira (c. 70%) (**Fig.7/8**). No que diz respeito às superfícies, elas apresentam-se em linha com o descrito para o tipo 1, apresentando, na maior parte, superfícies polidas (c. 80%) (**Fig.9/10**). Os diâmetros são variados e de proporção idêntica (**Fig.3**).

Por último, o grupo dos suportes, com uma percentagem alta (c.40%) de bordos finos, por oposição aos bojos aonde a peça é quase sempre espessa (**Fig.4/5**). A pasta, que é em todos os exemplares de consistência média (**Fig.6**), apresenta desengordurantes, em geral, muito grosseiros (**Fig.7**) e muito frequentes (**Fig.8**). Na sua vez, as superfícies são em quase todos os casos polidas (**Fig.9/10**). Já a medida do diâmetro da peça, na zona dos bordos, anda sempre entre os 10 e os 20 cm (**Fig.3**).

5. OS RECIPIENTES, AS SUAS CARACTERÍSTICAS E AS SUAS FUNÇÕES NA MANUFATURA E PÓS-MANUFATURA

Uma amostra das cerâmicas de ornatos brunidos de Entre Águas 5 foi analisada através da espectrometria de fluorescência de raios X (FRX) e da observação de lâminas delgadas ao microscópio óptico com luz polarizada transmitida (MOLPT), associada à análise por difracção de raios X (DRX) (Barreto, 2010, p. 8). Estas análises revelaram que as inclusões não plásticas presentes nas amostras representam cerca de 30 a 45% da matriz (Barreto, 2010, p. 12). Como pudémos observar no capítulo anterior, a análise macroscópica revelou, nas formas, uma frequência muito alta de elementos não plásticos, entre c. de 60 a 70%.

Estes resultados sugerem que a adição de elementos não plásticos teria provavelmente conferido um adequado grau de resistência ao choque térmico, diminuindo a plasticidade e o risco de quebrar, caso a temperatura de cozedura subisse rapidamente. A própria secagem da peça tornar-se-ia mais rápida (Schiffer & Skibo, 1987, p. 603), facilitando, assim, a manufatura da peça e o risco de acidentes (Schiffer &

Skibo, 1987, p. 604). A inerente condução de calor seria melhor optimizada nestes recipientes, tornando-os mais eficientes na cozedura dos alimentos.

O uso de grandes quantidades de elementos não plásticos seria vantajoso quer para a manufatura, quer para uso da peça. Neste aspecto, o facto de os recipientes abertos diminuírem a contenção e a condução de calor (Hally, 1986, p. 280), seria compensado pela configuração aplanada e pouca profundidade (Schiffer & Skibo, 1987, p. 606). Aliás, nada impede que estes, ou alguns em particular, não tivessem sido tapados por outros objectos. A inexistência de perfis completos não permite perceber melhor esta realidade, potencialmente optimizada pelas taças carenadas fechadas, que apresentem base aplanada.

Os paralelos encontrados com perfis completos não parecem corresponder a esta situação. Assim, tomamos a consideração de que estes recipientes não seriam usados na cozedura de alimentos, podendo funcionar como loiça de mesa, que de facto deveria existir. Vários

paralelos etnográficos (quer actuais, quer de períodos históricos) entram em linha com esta consideração (Silva & Guimarães, 1998). A sua maior abertura facilitaria, ainda, o acesso ao interior, situação mais premente aquando da ingestão dos alimentos. Por seu lado, a sua espessura mais fina torná-los-ia mais leves e facilmente manipuláveis e móveis.

Os recipientes fechados, em geral, possuíam paredes mais espessas, diminuindo a facilidade de manuseio. A sua própria forma conferia maior dificuldade de acesso ao interior. Estas duas características conjugadas com a sua maior capacidade, variando caso a caso, tornava os recipientes fechados mais “rentáveis” em actividades de transporte e armazenamento. O aumento do esforço na sua tarefa de transporte, provocado pelo uso de grandes quantidades de desgordurantes, parece não ter representado um problema.

A solução encontrada é sempre de compromisso. A realização de um recipiente que seja apto para uma determinada tarefa, como o cozimento de alimentos, indicaria paredes finas, configuração fechada, de base plana e presença substancial de minerais como desgordurantes (Schiffer & Skibo, 1987). Contudo esta situação tornaria os potes menos resistentes ao impacto, condição combatida pela morfologia esférica que poderiam apresentar (Schiffer & Skibo, 1987). Alguns

dos potes de Entre Águas 5 apresentam características que os permitem inserir neste esquema.

No que diz respeito aos suportes, a sua configuração inviabiliza o seu uso como contentores, não se perspectivando, do ponto de vista funcional, outra função que não a de suportes. Uma última palavra para a abrasão provocada pelo uso e limpeza dos recipientes. Diversos estudos comprovam que os recipientes seriam mais eficientes à abrasão nas seguintes condições: cozedura dos recipientes em baixas temperaturas, tamanho e forma dos desgordurantes e consistência das pastas (Schiffer & Skibo, 1987, p. 607). Neste sentido o tratamento de superfície da peça serviria de auxílio a esta situação, homogeneizando a superfície do recipiente, ao mesmo tempo que o impermeabilizava.

Levando em consideração os dados fornecidos para as diversas formas, na sua generalidade a cerâmica estudada parece ter respondido satisfatoriamente a esta questão. Raros são os casos de superfícies não polidas, ou pelo menos afagadas, bem como, de pastas friáveis, isto apesar da dimensão grosseira e muito grosseira de parte dos seus desgordurantes. Quanto à cozedura, o estudo de alguns fragmentos do mesmo sítio permite concluir que as cerâmicas foram cozidas a temperaturas próximas dos 850/900°C (Barreto, 2010, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretende efectuar uma primeira análise ao estudo da cerâmica de Entre Águas 5, sendo este caso de estudo (fundo de cabana, identificada na sondagem II) integrado no âmbito da tese de mestrado do primeiro signatário. Outras perspectivas e análises

mais amplas poderão afinar e conferir novas conclusões. Concluimos, assim, que o espólio estudado é cronológica e espacialmente paralelo ao Bronze Final do Sudoeste e que possui um determinado número de características, potencialmente indiciadoras da sua função.

AGRADECIMENTOS

Os signatários gostariam de deixar expressos os seus agradecimentos ao Eng.º Monge Soares, Dr.ª Manuela

de Deus e Dr.ª Ana Sofia Antunes, pelo contributo que têm dado ao estudo deste sítio.

NOTAS

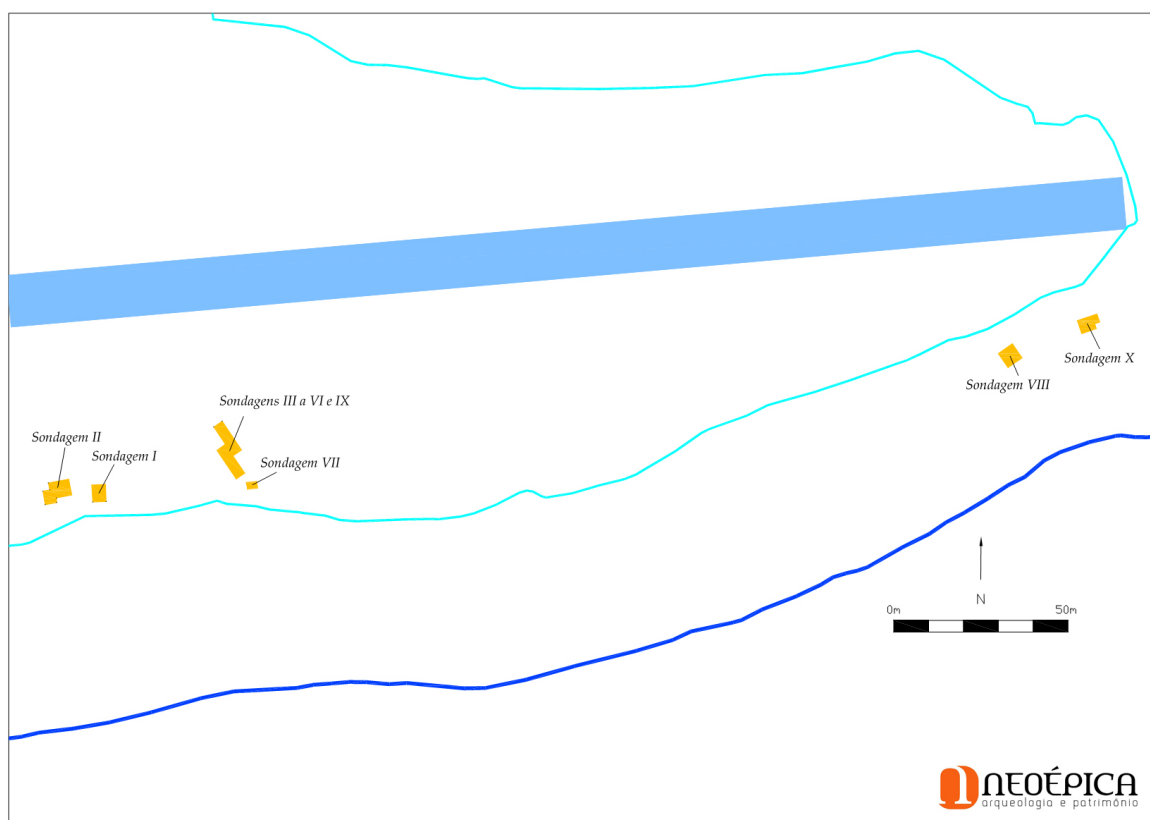
- 1 - Neoépica, Lda. – www.neoepica.pt / bmcr2@portugalmail.com
- 2 - Neoépica, Lda. – www.neoepica.pt / neoepica@gmail.com e IAP (Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve).

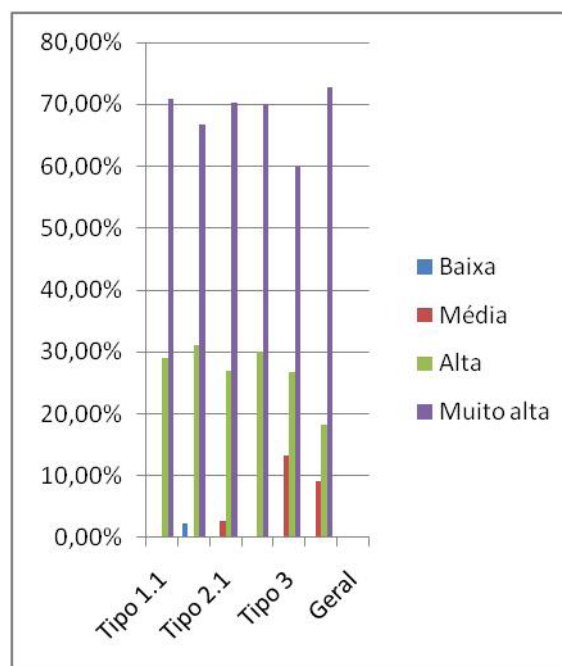
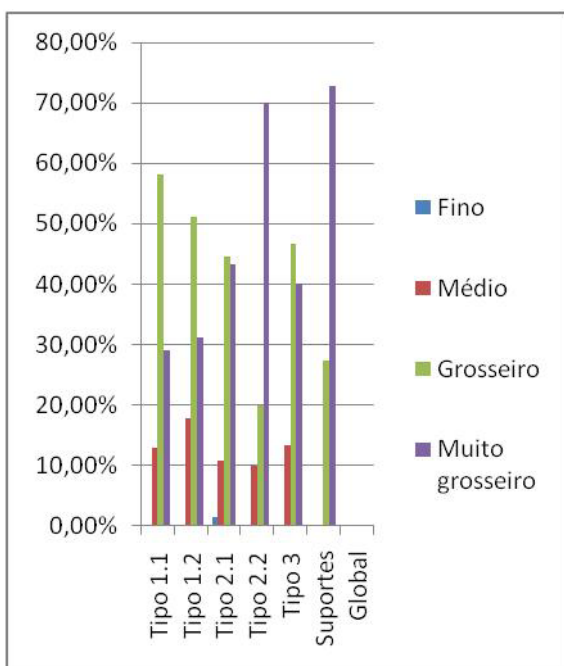
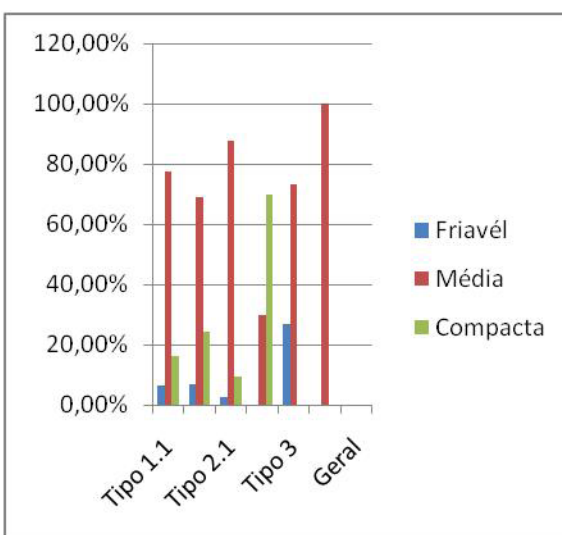
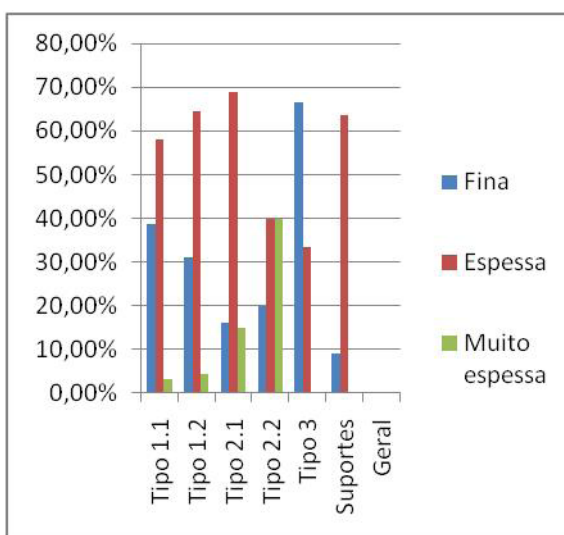
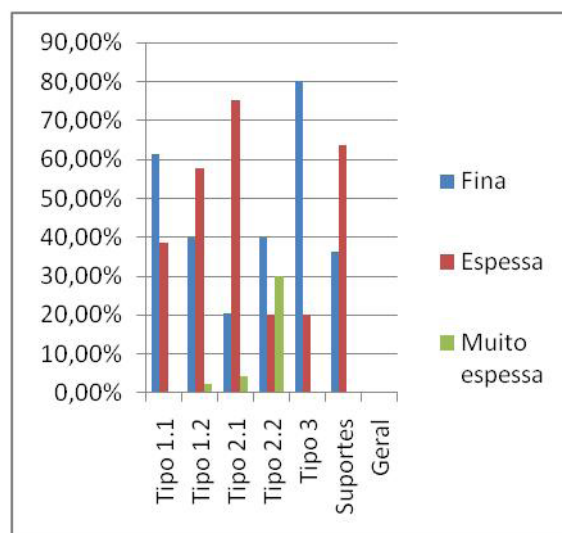
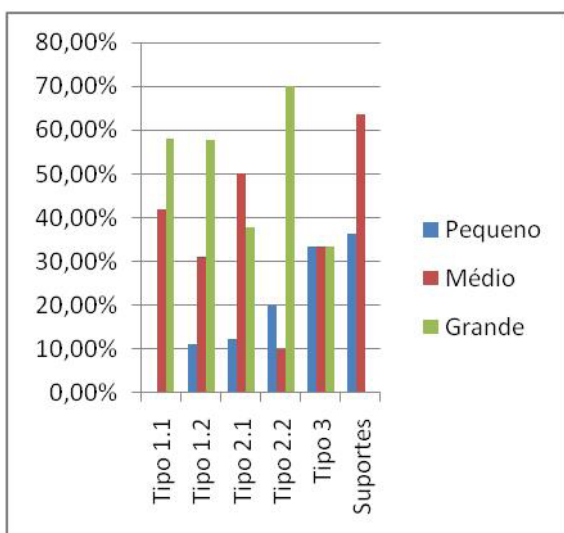
- 3 - Segue-se a cronologia em duas fases advogada entre outros por Gomes (in Silva & Gomes, 1994) para o sul de Portugal, por Cardoso & Silva (2004) para a Estremadura portuguesa e, grosso modo, por Pellicer Catalán (1987-1988) para a Andaluzia Ocidental e Pavón Soldevilla (1998) para a Estremadura Espanhola. Pellicer Catalán e Pavón Soldevilla associam um Bronze Final III ao período orientalizante (Ferro).

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, S., et al (2010), “O Povoado de S. Pedro de Arraiolos (Évora): expressões da cultura artefactual”, *IV Encuentro de Arqueología del Sudoeste Peninsular*, Huelva, pp. 463-488.
- ARNAUD, J. M. (1979), “Corôa do Frade: Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - Escavações de 1971-1972”, *Madriider Mitteilungen*, 20, pp. 56-100.
- ARMADA PITA, X. L. (2008), “¿Carne, drogas o alcohol?: calderos y banquetes en el bronce final de la Península Ibérica”, *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad de Granada*, 18, pp. 125-162.
- AUBET SEMMLER, M^a E. et al (1983), “La Mesa de Setefilla, Lora del Río”, *Excavaciones Arqueológicas en España*, 122.
- BAQUEDANO BELTRÁN, I. (1987), “Inicios del Bronce Final en la Cuenca Media del Guadalquivir: El Llanete de los Moros (Montoro, Córdoba), *Trabajos de Prehistoria*, 44 (1), pp. 223-250.
- BARRETO, J. (2010), *Cerâmicas de Ornatos Brunidos de Povoados do Bronze Final do Sudoeste da Bacia do Enxoe. Caracterização Química, Mineralógica e Textural*, dissertação de mestrado (policopiado).
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M. et al. (1979), “Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva): Campaña de 1977”, *Excavaciones Arqueológicas en España*, 102.
- BOAVENTURA, Rui (2001), “O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados”, *Trabalhos de Arqueologia*, 20.
- BRONK RAMSEY, C. (2001), “Development of the Radiocarbon calibration program OxCal”, *Radiocarbon*, 43, pp. 355-363.
- CALADO, M., ROCHA, L. (1997), “Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central”, *A Cidade de Évora*, 2^a série, 2, pp. 35-55.
- CARDOSO, J. L. (2006), “A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1), pp. 21-46.
- CARDOSO, J. L., SILVA, I. M. (2004), “O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (1), pp. 227-271.
- CARREIRA, J. R. (1997), “Catujal: um povoado da idade do bronze (médio) à entrada da Ria de Loures – contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze Estremenho”, *Vipasca*, 6, pp. 119-140.
- CARVALHO, A. F. et al (1999), “O Sítio da Idade do Bronze Pleno do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas)”, *Trabalhos de Arqueologia do EAM*, 5, pp. 63-81.
- EIROA, J. J. et al (1999), *Nociones de tecnologia y tipologia en Prehistoria*, Barcelona, Ariel.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1990), “Sobre algunos poblados del Bronce Final de la provincia de Badajoz”, *Norba*, 10, pp. 41-57.
- FONTES, T. (2002), *Estudo de 145 Artefactos da Idade do Bronze do Moinho da Atalaia Oeste* (policopiado).
- GARCÍA SANZ, C., FERNÁNDEZ JURADO, J. (2000), “Peñalosa (Escacena del Campo, Huelva): un poblado de cabanas del Bronce Final”, *Huelva Arqueológica*, 16, pp. 5-87.
- GOMES, M. V., CALADO, D. (2007), “Conjunto de Cerâmicas da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronze Final, no Sul de Portugal”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10 (1), pp. 141-158.
- GOMES, M. V., SILVA, A. C. F. (1994), *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta.
- HALLY, D. J. (1986), “The identification of vessel function: a case study from the northwest Georgia”, *American Antiquity*, 51, pp. 267-295.
- JIMMÉNEZ ÁVILA, F. J., HABA QUIROS, S. (1995), “Materiales Tartésicos del Solar de Portaceli (Medellín, Badajoz)”, *Complutum*, 6, pp. 235-244.
- LOPÉZ ROA, C. (1977), “La cerámica con decoración bruñida en el Suroeste Peninsular”, *Trabajos de Prehistoria*, 34 (1), 1997.

- LOPÉZ ROA, C. (1978), “Las cerámicas alisadas con decoración bruñida”, *Huelva Arqueológica*, 4, pp. 145-180.
- MATALOTO, Rui (1999), “As Ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora)”, *Revista de Guimarães*, volume especial, pp. 333-362.
- MOLINA GONZÁLEZ, F., PAREJA LÓPEZ, E. (1975), “Excavaciones en la Cuesta del Negro (Purullena, Granada): campaña de 1971”, *Excavaciones Arqueológicas en España*, 86.
- OLIVEIRA, J. T. et al (1992) – Carta Geológica de Portugal – escala 1:200 000, Notícia explicativa da folha 8, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- SOLDEVILA, I. P. (1994), *Aproximación al estudio de la edad del bronce en la cuenca media del Guadiana: La solana del castillo de Alange (1987)*, Salamanca, Institución Cultural el Brocense/Diputación Provincial de Cáceres.
- SOLDEVILA, I. P. (1998), *El tránsito del II al I milenio a. C. en las cuencas medias de los ríos Tago y Guadiana: La Edad del Bronce*, Salamanca, Universidad de Extremadura.
- PELLICER CATALÁN, M. (1987-88), “Las cerámicas a mano del Bronce Reciente e del Orientalizante en Andalucía Occidental”, *Habis*, 18-19, pp. 461-484.
- PELLICER CATALÁN, M., AMORES CARREDANO, F. (1985), “Protohistoria de Carmona: los cortes estratigráficos CA-80/A y CA-80/B”, *NAH*, 22, Madrid.
- REBELO, P. et al (2010), “Dados preliminares da intervenção no sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa)”, *IV Encuentro de Arqueología del Sudoeste Peninsular*, Huelva, pp. 463-488.
- REBELO, P. et al (prelo), “O sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa): Arquitecturas de terra”, (policopiado).
- REIMER, P.J., et al (2004), “IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal Kyr BP”, *Radiocarbon*, 46 (3), pp. 1029-1058.
- RUIZ MATA, D. (1979), “El Bronce Final – fase inicial – en Andalucía Occidental: ensayo de definición de sus cerámicas”, *Archivo español de arqueología*, 52, pp. 3-20.
- SANTOS, F. J. C. et al (2008), “O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora), um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11 (2), pp. 55-86.
- SERRA, M. et al (2007), “O Bronze Final no sul de Portugal: um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo”, *Vipasca*, 2ª série, 2, pp. 153-162.
- SCHIFFER, M. B., SKIBO, J. M. (1987), “Theory and Experiment in the Study of Technological Change”, *Current Anthropology*, 28 (5), pp. 695-62.
- SCHIFFER, M. B., SKIBO, J. M. (2008), *People and Things: A Behavioral Approach to Material Culture*, New York, Springer.
- SCHUBART, H. (1971), “La cerámica del Bronce Tardío del SO y sus paralelos en el Oeste y Sur de la Península”, *Trabajos de Prehistoria*, 28 (1), pp. 153-182.
- SHENNAN, S.J. (1994), “Archaeological approaches to cultural identity”, *Archaeological approaches to cultural identity* (SHENNAN eds.), London, Routledge.
- SILVA, A. M. S. P., GUIMARÃES, J. A. G. (1998), “Olaria popular de Ossela (Oliveira de Azeméis, Aveiro): contribuição para o estudo das cerâmicas negras da Beira Alta e suas ramificações”, *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal, pp. 385-405.
- SILVA, C. T., SOARES, J. (1978), “Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém)”, *Setúbal Arqueológica*, 4, pp. 71-116.
- SILVA, C. T., SOARES, J. (2008), “A Ocupação da Idade do Bronze da Quinta da Fidalguia”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11 (2), pp. 87-106.
- SOARES, A. M. M. (2003), “O Passo Alto: uma fortificação única de Bronze Final do Sudoeste”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2), pp. 293-312.
- SOARES, A. M. M. (2005), “Os povoados do Bronze final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1), pp. 111-145.
- TRIGGER, B. G. (2006), *A History of Archaeological Thought*, Cambridge, Cambridge University Press.





V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

